

EPISÓDIO 4 – LADO B

memória: tiro porrada e bomba ou lendo Tatiana Pequeno, *Onde estão as bombas*

eu nem preciso abrir este livro para que a vida se ligue
a da tatiana pequeno a capa cor de papel de embrulho
de pães papel de embrulho de presunto da minha infância
fica ali ressoando reinscrevendo em mim esses lugares
por onde passei sempre
lugares que se elevavam morros do alto da independência
ao alto da serra de petrópolis do ponto mais alto de Brasília
que eu passava para continuar o caminho até sobradinho
lá mais alto e eu sentia tudo isso porque o carro do meu pai
o velho corcel 77 verde oliva metálico bastante lascado à álcool
não suportava a subida da estrada engasgando e fraco
como tudo o que o entornava mas eu me lembro mesmo
com a capa da tatiana pequeno da ida à padaria do caminho
de volta com os pães ou o apresuntado entre os braços
tudo ligado com um barbante que o balconista amarrava
dum rolo grande e suspenso sobre sua cabeça
e então o livro é um livro sobre a origem e me vejo
naquele bon-sucêssu com outras caras com outras muambas
como no dia em que ganhei de presente por um aniversário
e um natal um desses relógios casio
então o que a poesia traz? onomatopeia *pow* outro modo
de dizer que nenhuma sintaxe sustenta os corpos caindo
como caímos no campo de libra nossa talvez desgraça maior
cinco tiros seguidos um espaço em branco em mais um tiro
com o corpo já caído naquele espaço o mesmo que se repete
incansável na solidão da poeta e é ela quem diz no documentário
sobre ela é ela quem diz que se sentiu sozinha mas que viu
depois a comunidade de solitários de solitárias que podem
viver esse poema que podem viver desse poema e não pedir
a ninguém que a salve ela não precisa ser salva ou não perder
que seu pai fosse uma das hortênsias furando cada bomba
que ela carrega consigo prestes a se colocar na rota de colisão
como marzio barbagli colocou em sua análise do suicídio
a figura do homem-bomba a figura da mulher-bomba
o corpo como bomba é talvez uma resposta à epígrafe
do primeiro poema assinada por *alejandra pizarnik* digo assim
como se esse nome fosse uma citação nomear convocar alguém

é já uma citação ou uma iteração do que nunca podemos
ter da origem da origem só temos mesmo o luto por ela
o luto que emana dela e tentamos trabalhar para fora
da economia para bem distante do que se convencionou –
vide freud – chamar o trabalho do luto não há trabalho
do luto ou se há ele é imensurável por quanto você venderia
seu tempo? por quanto acabamos por vender nosso tempo?
o livro da tatiana pequeno arde faz arder os olhos e não
é o spray de pimenta da polícia que tá ali mas o testemunho
como que pode

um corpo inteiro

sumir um corpo é como que uma matéria extensiva
não apenas em seus limites como previu aquele homem
da dúvida extenso porque estirado porque ele se deita e se
estica se estende para além de si do si mesmo que um corpo
possa fazer para ser ignorado *para quem sabe deixar cair*
pesado o som dos cataclismas e emudecimentos um corpo
que foi exposto à violação a cada violação que pode sofrer
ou o corpo do qual ninguém *gosta* um corpo que possa
guardar em si toda a memória do mundo e então

morrer perto de um arquipélago

e ter minha ossada enorme sendo

justificada pelo tempo ela guarda tudo em si ela guarda
o começo de um verso ou o que poderia ter sido
um rascunho guardado por muito tempo por mais
tempo que um tempo um rascunho que se exponha
ele também ao incêndio do museu *a coreografia dos incêndios*
qualquer resto abandonado para a extinção
a pergunta do título que pode ser uma afirmação que pode
ser mais do que uma afirmação uma interjeição de quem
tenta ir embora da *necrobrasília* o que deixaríamos pra trás?
se tivéssemos que colocar bombas se soubéssemos onde
estão as bombas? como montá-las como utilizar o alicate
como defender os gatos os fatos? nada resta pra quem vai
embora no meio da catástrofe no meio da ruína
sobra quem ficou ferido e não pôde sair
brasília não é apenas uma ilha de rima ruim e não é
apenas o lugar de onde se parte porque eles estão sempre
partindo e voltando fora aquele lugar em que deveríamos
exercer nossa deserção – o eixo monumentalmente
decadente de branco – a cidade proporciona outros tiros
que saem pela culatra que saem pela latrina que saem apenas

e é como se a tatiana nos pedisse a todo tempo
mas senhores senhoras não tratemos os fascistas com metáforas
a eles não cabem volteios de linguagem a eles não cabem nem
mesmo a linguagem – e nisso não há menosprezo aos bichos
que não a usam ao menos verbalmente – ter a vida em precário
não faz deles mais uma força de violência a dias cada dia
mais difíceis como que os gatos que a dizem *tinhas a*
responsabilidade de limpar
as merdas há mais tempo e por isso mesmo não se trata
apenas de tempo mas de um tempo no espaço que o corpo
ocupa e se estende também por palavras quando ele escreve
quando ela escreve já que para além de assinar para além
de carimbar o ofício *escrever é colar o espelho*
mas não cola ela não cola o que escreve no espelho
como quem cola sobre um muro sobre um pedaço
do armário um lembrete um slogan um anúncio
ela cola o espelho que não pode ser colado
tudo se quebrou o *retalho de espelhar* não reconhece
aquilo que falta mas é ele mesmo essa coisa que
precisando de cola não cola portanto como qualquer
conversa que poderíamos escutar na rua vindo do trabalho
vindo da padaria com o livro na mão como se carregássemos
esse fóssil do tempo na esquina que não poderei dobrar
já que minha cidade não tem esquina a cada esquina
um balão uma rotatória eliminando a caminhada
eliminando a possibilidade de atravessar de ser atravessado
porque precisamos estar dentro de um automóvel
que nos carrega como carregamos isso que nos parece
mais próprio um nome uma selva um modo de estar
diante de coisas que poderíamos talvez cuidar
não zelar mas cuidar entrevedo o próximo salto do vento
entrevedo o que faz lastro ali onde tudo passa sucessivo
quando tentamos ser líricos quando já não há mais
possibilidade de quando não há mais do que saber
haver merda no desenho de um caminho por onde
possa ter havido bombas por onde as bombas poderiam
estar alojadas as minas que amputam cada perna colonial
e um *homem em farrapos*
que diz ter uma palavra importante
a ser compartilhada embora
ninguém aqui possa ouvi-lo embora aqui é esse o tempo
de uma palavra muito embora o tempo tenha se esgotado

e o espaço já não seja o de um diálogo o de um poema
que pode por acaso sobreviver cetáceo pela noite
que se forma gigante antes de morrer antes de lentamente
sermos mortas *mas eu também tenho raiva*
e coleciono dores ou os meus olhos e o meu rosto
revigorarão todas as sementes
cultivadas pelo leite vindo dos
peitos mais pesados desta terra por isso camaradas não
há porque usar metáforas para os fascistas
eles não têm rosto eles não sabem o que é um rosto
eles colecionam mortes como seguimos colecionando
odres e *artefatos de quem coleciona dor* porque já estamos
há muito adoecidos como o pai pequeno de silva
porque há consciência demais de que somos a carne
que teme que grita porque são ditas mal-amadas
quantas garotas – e mesmo garotos – não tiveram
seus corpos violados para que pudéssemos esquecer
numa metáfora que o mundo vale por sua beleza –
se por beleza entendemos o que a europa dizia ser
desde sempre quase a cada minuto o que é o belo a bela
o corpo de uma harmonia antes de cair – a carne
que se expõe à bomba é epilético é o corpo que a poeta
pode dizer ter aprendido *cedo o ponto exato que o corpo*
atinge antes de cair como se ele tivesse essa única e última
propriedade os corpos caem os corpos tombam
no som quase oco daquele verso dantesco e infernal
e caddi come corpo morto cade tudo é indiferente ao torvelinho
que passa entre essas massas de horror já que não é mais
a dúvida a o que da vida duvida *da sina* e viver na dividida
viver como se devesse como se eternamente houvesse uma
dívida canela com canela sem que se tenha uma tornoeleira
então o mundo empobrecido reacende *o que me restou dos acidentes*
uma mulher em que o mundo desabe porque ele já desabou
muito antes de ter havido esses versos e a questão de eles
poderem ou exigirem existir uma ranhura insistente
um trecho do caminho em que o ônibus ainda possa
contaminar contagiar sem nenhuma alegria
uma forma traduzida da sobrevida do que se diz além-da-vida
sobreviver é mesmo isso talvez se *intraduzir* porque
é preciso ter passado muito tempo a desenhar imagens
na quietude dos bancos de trás dos ônibus enquanto aprendia
palavras que nunca eram minhas foi mais ou menos assim

também que aprendi a escrever eu tomava os ônibus
501 ou 501.3 do plano piloto a sobradinho enquanto
imaginava o que poderia dizer o cobrador se entrasse
ali um homem exigindo tudo de todos os passageiros
ou o que esse mesmo homem diria a sua companheira
assim que chegasse em casa e ainda ensurdecido do barulho
de seu local de trabalho pudesse não ouvi-la dizer que ela
o amava antes de pegar a camisa azul do seu uniforme
para colocar no tanque junto às roupas azuis ou de uma
cor demasiadamente pálida ou gris e esfregasse certo tempo
antes de verificar se o músculo já estava cozido ou o arroz
não ter passado do ponto esse homem que chegaria
muito tarde em casa depois de ter percorrido os mais
de vinte quilômetros entre uma cidade-satélite e a capital
– todo o sistema de formação urbana de Brasília copia
uma ideia mercantilista de metrópole e colônia onde
a periferia não pode se vingar (vide quando há manifestações
a primeira ação do governo é cortar os ônibus a circulação
do metrô precário para que não atinjam o poder central) –
e então seus poemas seguem *abandonados silentes*
atravessados pela ruína e tudo é ruína para que possamos
esquecer um nome que começa sem dúvida por r
numa noite em que se torna possível
a pergunta trocada trancada na rua que quase
encerra o livro *para*
onde
vamos
?
e depois Alice Walker dizendo isso diferente
a rolha gigante na minha garganta enquanto chupa
o seu polegar solitária a criança pode ser amada
de novo¹

PS: o próximo será *Carcaça* do Josoaldo Lima Rêgo.

BIBLIOGRAFIA

Tatiana PEQUENO, *Onde estão as bombas*. Juiz de Fora: Macondo, 2019.

¹ Os *itálicos* no texto representam citações do texto de Tatiana Pequeno ou, em raros casos, intrusões de outras vozes no texto.